

Rubem Braga

Eu devia ter uns 16 anos quando a vi a primeira vez ; recitava em um salão , imóvel , com sua voz cheia e esplêndida os "Pregões do Rio" de seu marido Alvaro Moreyra . Reconheci-a pelos retratos que saíam em "Para Todos" , para onde eu mandara uma crônica qualquer que Alvaro , para grande alegria minha , publicara com uma ilustração . Mas não tive coragem de me apresentar ao casal . Lembro-me de que tive vontade de ver o seu "Teatro de Brinquedo" - mas a mesada de 50 mil réis não dava para essas extravagâncias .

Foi uns quatro ou cinco anos depois que os conheci ; mais tarde fiquei freguez da feijoada aos domingos na casa branca da rua Xavier da Silveira . Durante algum tempo essa feijoada foi , quasi sempre , a única refeição digna que eu podia fazer em toda semana ; porque não confessa-lo ? A mesa era grande , sempre cabia mais um no banco , e os donos da casa eram cordiais . O magro jornalista podia tomar sua cachacinha , comer o bastante para esquecer a miséria de alguma pensão do Catete , pegar um bom livro na estante e fazer o que entendesse : ler versos , ouvir música , conversar ou dormir .

Houve tempos alegres , e fases de sonho e entusiasmo ; houve depois tempos negros , ruins , de hospital , de prisão . Em qualquer tempo aquela mulher que espantava um pouco o homem da rua com sua ~~franja~~ <sup>franja</sup> , seu charuto , suas joias pesadas , sua voz alta e às vezes até um mico - era a mesma . Sempre promovendo alguma coisa , sempre trabalhando duro , animando , ajudando os outros , fazendo arte e política , discutindo , organizando , às vezes brigando , e conseguindo ser no meio de tudo isso a mais perfeita companheira , a mais dedicada das mães e das ~~avóxx~~ vós .

Não me foi difícil descobrir , ao fim de algum tempo , que dona Eugênia deixava de lado sua ironia perigosa e sua energia arrogante quando tinha pela frente uma pessoa que não pretendia se impôr ou brilhar - mas simplesmente precisava de algum favor . Então falava baixo , pensava , e começava a agir . E era espantoso como agia , como se jogava em canseiras , aborrecimentos , dificuldades , para atender a qualquer necessitado . Toma-

va conta do caso de um modo absolutamente natural , como se fosse ~~ma~~ mãe da pessoa ; arranjava a roupa , ou o remédio , o médico , o hospital , o emprego , o dinheiro , a comida . E se era difícil ageitar em algum canto o pobre - então o próprio 99 da Xavier da Silveira se transformava em asilo ou enfermária ...

Essa paixão de ajudar os outros é que a levou , com Alvaro , para o comunismo . Quem quizer saber de seu devotamente e sua capacidade de trabalho que pergunte a qualquer camarada de partido ; quem quizer saber de sua coragem e de sua dignidade pergunte aos homens da polícia , que nestes últimos 13 anos de estupidez quasi contínua puderam muitas vezes encher aquela casa de aflição e de tristeza , mas nunca de humilhação .

Dona Eugênia morreu de repente , e nem quero vêr a cara de Alvaro viúvo ; mas , na espantosa brutalidade dessa morte , há uma lógica sutil , quasi piedosa . Como se dona Eugênia devesse morrer assim , de golpe , cheia de vida , da vida que essa mulher viveu com mais vida que trinta mulheres comuns .

.x.x.x.x.x.x.